

UMA NARRATIVA E UMA CARNAVALESCA: Pensando o ensino de história pelas lentes encantadas do carnaval a partir de Rosa Magalhães

Isabella Nunes Mello¹

Artigo recebido em: 25/05/2024

Artigo aceito em: 24/10/2024

RESUMO:

O objetivo central deste artigo é pensar como o universo dos desfiles das escolas de samba, pode contribuir para a produção do conhecimento, a partir do desfile de 1994 da Imperatriz Leopoldinense intitulado “Catarina de Médicis na Corte dos Tupinambôs e Tabajeres”. A análise do enredo ocorre sob a luz teórica da obra de Ferdinand Denis, “Uma festa brasileira” publicada originalmente em 1850, considerada uma das mais fieis fontes historiográficas sobre esse acontecimento. Criado pela carnavalesca Rosa Magalhães, o enredo se torna uma importante fonte histórica para contribuir com o campo do conhecimento e com o ensino de história, tendo em vista que a composição do enredo optou em assumir esse compromisso teórico educacional, mesmo não sendo pauta obrigatória. Nesse cenário, ainda trago uma breve passagem sobre a vida e a contribuição dessa carnavalesca de grande referência para o mundo do samba e para a produção do saber.

PALAVRAS-CHAVE: Escola de samba; Ensino de História; Rosa Magalhães; GRES Imperatriz Leopoldinense; enredo.

A NARRATIVE AND A CARNIVAL:

Thinking about teaching history through the enchanted lenses of carnival from Rosa Magalhães

ABSTRACT:

The central objective of this article is to think about how the universe of samba school parades can contribute to the production of knowledge, starting from the 1994 parade of Imperatriz Leopoldinense entitled “Catarina de Médicis na Corte dos Tupinambôs e Tabajeres”. The analysis of the plot takes place under the theoretical light of Ferdinand Denis' work, “A Brazilian Party”, originally published in 1850, considered one of the most faithful historiographical sources on this event. Created by carnival artist Rosa Magalhães, the plot becomes an important historical source to contribute to the field of knowledge and the teaching of history, considering that the composition of the plot chose to assume this theoretical and

¹ Graduada em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6666277740154467>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2626-0092>
E-mail: nunesisabella75@gmail.com.

educational commitment, even though it is not a mandatory topic. In this scenario, I still bring a brief passage about the life and contribution of this carnival artist of great reference to the world of samba and the production of knowledge.

KEYWORDS: Samba school; Teaching History; Rosa Magalhães; GRES Imperatriz Leopoldinense; plot.

1. Uma festa brasileira

A referência bibliográfica escolhida para falar sobre esse evento que o desfile da Imperatriz Leopoldinense trouxe à tona no ano de 1994, se torna a obra “Uma festa brasileira”, do francês Ferdinand Denis, publicada originalmente no ano de 1850. Acredito que a partir deste livro teremos uma noção mais aproximada da realidade dos fatos dessa festa em Ruão, pelo fato do autor usar como fonte a obra “O Relato”, produzida pelos franceses Maurice Sève e Claude de Taillemont no ano de 1559, sendo considerada a obra mais fiel ao evento ocorrido.

A princípio, como de costume, os moradores do porto de Ruão presentearam seus monarcas o rei Henrique II e a rainha Catarina de Médicis, com duas estátuas de ouro, nada de diferente até então. Os organizadores da festa chamaram artistas de todos os cantos do mundo e não somente da França para participarem do espetáculo. No intuito de fazerem algo irreverente e jamais visto até então, o evento contou com a presença dos povos originários do Brasil, das tribos Tabajaras e Tupinambás. O que torna o evento ainda mais enigmático e diferente se torna a maneira na qual esses povos das Américas foram representados no evento, uma vez que:

Não foi nem aos espantosos esplendores do México, por servir-me ainda de uma expressão de Montaigne, nem às pinturas mais recentes que se faziam das conquistas de Pizarro, que se buscou de empréstimo a concepção desse episódio, destinado a distrair a visita real; foi aos simples habitantes das florestas verdes do Brasil que se pediram inspirações (Denis, 2011, p. 32)

O evento dispunha de importantes figuras aristocratas, militares e sacerdotais da época, tais como chefes de estado, o núncio do Papa, os embaixadores da Espanha, Alemanha, Veneza, Inglaterra e Portugal. Ainda se fizeram presentes figuras como a de arcebispos, bispos, cardeais de Ferrara, de

Bourbon, de Guise, de Vendôme, de Sombreuse, de Châtillon, de Lisieux (Denis, 2011, p. 34).

A cerimônia foi apresentada na principal praça do porto, onde já havendo alguns arbustos foi preenchida artificialmente com diferentes tipos de árvores para fazer referência à fauna e flora do território brasileiro. Os animais típicos das florestas tropicais como papagaios, bico-de-lacre, pardais, assim como macacos, cutias e saguis também compuseram o cenário ao redor dessas matas representadas.

Enchidos de várias outras árvores e arbustos, com giestas, zimbros, buchos, e semelhantes, entre plantados de mato espesso. O tronco das árvores estava pintado, e a sua copa guarnecida com galhos e tocada de bucho e freixo, lembrando bem perto do natural às folhas das árvores do Brasil. Outras árvores frutíferas haviam entre elas, carregadas de frutos de diversas cores e espécies, imitando o natural (Denis, 2011, p. 38)

A encenação contava com 300 homens representando as tribos Tabajaras e Tupinambás, desses somente 50 eram nativos de verdade, os demais eram marinheiros vestidos como indígenas. Na cena exibiam o cotidiano da vida na floresta, alguns usavam lanças e flechas, outros estavam ao lado dos animais próximos às árvores, enquanto outros balançavam na rede. Na apresentação alguns indígenas apareciam cortando madeira para representar a extração da árvore do pau-brasil.

Ao longo da praça se afanavam aqui e ali proximamente uns trezentos homens, todos nus, bronzeados e eriçados, sem cobrir de nenhum modo as partes que a natureza manda velar: eles estavam afeiçãoados e aparelhados à moda dos selvagens da América, donde se traz o pau-brasil; destes havia bem cinquenta naturais, selvagens recentemente importados do país, e que tinham, além dos outros simulados para ornamentar suas faces, as bochechas, os lábios e as orelhas furados e insertados de pedrinhas longas, da extensão de um dedo, polidas e arredondadas, cor de esmalte branco e verde-esmeralda (Denis, 2011, p. 38)

As moradias dos povos originários também foram representadas no desfile, onde foram erigidas choupanas ou casas de troncos de árvores inteiros sem aparelho nem preparação de arte de carpintaria (Denis, 2011, p. 38). A representação das malocas, o espaço comunitário onde os indígenas se abrigam, era fortificada em

volta com estacas, tal como são grande parte das moradias das tribos nativas brasileiras.

Como retratavam a sociabilidade dos povos originários pela perceptiva do outro, ou seja, pela visão do europeu, na encenação não poderia faltar o ato do escambo que é a troca de especiarias ocidentais como machados e foices por riquezas naturais das florestas tropicais. Após a troca dos materiais, as madeiras eram levadas para o navio que também estava presente em cena, ornamentado com bandeiras e estandartes presos nas âncoras tal como era na realidade. Os marinheiros estavam vestidos a caráter, com bragas de cetim, metade branca e preta, outros de branco e verde, subiam com grande agilidade pelos avéns e demais cabos (Denis, 2011, p. 38).

A última cena é representada com o conflito entre as tribos Tabajaras e Tupinambás. No campo dos Tabajaras se exibiam nativos agitados falando na sua língua mãe, o Tupi Guarani. O pajé figura principal e mais poderosa da tribo chamada morubixaba também é representado na encenação. Em seguida entram em cena os Tupinambás e o embate começa, utilizando arcos, flechas e golpes. O conflito é encerrado com a vitória dos Tabajaras.

Mesmo sendo um escritor francês com o típico pensamento cartesiano e colonial, Ferdinand Denis no final da sua obra assume a posição de que a forma na qual os povos originários foram tratados no livro descrito, se apresenta problemática e pitoresca. O autor fala da necessidade de reabilitar esses povos não somente diante dos olhos da corte, mas de toda humanidade. Reconhece na mesma medida, a existência de documentos que contrastam gravemente com a maneira na qual os povos originários da América são representados na historiografia.

Não hesitamos em asseverar que, se o dito, cheio de maliciosa alegria, que corria ainda alguns anos após Montaigne, deixa entrever o que se pensava desse ainda ingênuo divertimento, o filósofo teria podido juntar uma informação mais severa sobre a ideia estranha que se fazia dos infelizes índios, e sobre a necessidade de reabilitá-los completamente, não só aos olhos duma corte frívola, mas aos da humanidade (Denis, 2011, p. 42)

Esse acontecimento descrito aqui, palco de um desfile de escola de samba no ano de 1994, acaba por nos ensinar um pouco mais sobre a história do Brasil colônia. Se passando em um contexto mundial cartesiano com a problemática da invasão, da escravização, da subjugação e exploração que negros e indígenas sofreram, esse evento nos oferece outra narrativa sobre esse período tão horrendo da nossa história. De qualquer forma, essa festividade pode ser aproveitada e referenciada no campo do conhecimento e do ensino de história, seja pelo seu caráter emblemático, seja por apresentar outra narrativa referente à história dos povos indígenas no período colonial.

2. A carnavalesca e pesquisadora

Como vimos anteriormente, por trás de todo desfile de escola de samba existe um enredo que pode ser histórico, fantasioso ou descritivo. Dessa forma, para completar essa dinâmica de criação e representação de uma história no desfile, devemos considerar que por trás desse movimento, existe um pesquisador que assume a posição de carnavalesco, que dá vida a esses dois fenômenos. Uma vez que é esse profissional que faz o árduo trabalho de coletar fontes, pesquisar, investigar um determinado povo, com sua respectiva história.

Pensando no desfile da Imperatriz Leopoldinense de 1994 que é aqui nosso enfoque, a grande figura que marcou gerações na história do carnaval brasileiro, é a renomada Rosa Magalhães conhecida pelo seu trabalho cultural no cenário nacional e mundial. A carnavalesca se torna uma importante e crucial figura nesse cenário da narrativa representada no desfile da escola de samba, assim como no campo do conhecimento e do ensino de história, pois é a partir da sua busca por uma fonte, que ela reproduz com conhecimento histórico, que ela acaba ensinando e educando todos aqueles que vão ver e rever o desfile alegórico antes, durante e depois do carnaval.

Rosa Lucia Benedetti Magalhães nasceu em 1947 na cidade do Rio de Janeiro em uma família de intelectuais. Seu pai, Raimundo Magalhães Júnior, era escritor e membro da Academia Brasileira de Letras em 1956 e foi membro do

primeiro corpo de jurados do concurso de escolas de samba em 1932. Sua mãe Lúcia Benedetti era autora teatral, atuando como precursora do teatro infantil profissional. A jovem Magalhães estudou em um colégio tradicional na sua primeira infância, o Sacré Coeur de Marie no bairro de Copacabana na cidade do Rio de Janeiro (Nogueira, Tranjan, 2008, p. 17).

A princípio Rosa Magalhães revela que queria iniciar os estudos no campo do direito, porém, depois de ter certeza de seu talento para desenho iniciou os estudos na Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Formou-se em bacharel em cenografia pela UNIRIO, também se tornou licenciada em francês pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Foi professora titular de desenho da Faculdade de Arquitetura Bennett, lecionou na Escola de Artes Visuais do Parque Lage e ainda foi professora do SENAI no curso de Estilismo. Rosa Magalhães foi roteirista e diretora de Arte para a televisão, atuou ainda como cenógrafa e figurinista em espetáculos de dança.

No ano de 1971, Rosa foi convidada para desenhar os figurinos da escola de samba Acadêmicos do Salgueiro, substituindo sua colega que teve que ser afastada por motivos de doença. Neste trabalho, Lícia Lacerda atua ao lado de Rosa, onde, tudo o que tinha era curiosidade e boa vontade, além de uma lapiseira e uma borracha (Nogueira, Tranjan, 2008, p. 14), como a própria carnavalesca comenta em uma entrevista. A partir desse momento, Rosa Magalhães estava inserida em um contexto artístico jamais vivido até então. Por mais que como citado anteriormente, à professora que atuava no universo artístico e cultural já havia realizado diferentes projetos, nada seria comparado a atuar no núcleo de criação artístico de uma escola de samba.

A iniciação profissional de Rosa Magalhães como figurinista ao lado de sua colega Lícia Lacerda se iniciou na equipe de Fernando Pamplona e Arlindo Rodrigues, carnavalescos que consagraram o carnaval carioca a partir da década de 1960. O primeiro campeonato oficial que Rosa assina foi no Império Serrano em 1982, com o enredo chamado “Bumbum Paticumbum Prugurundum”, fazendo

referência à praça onze no centro do Rio. Em 1984 atuou na Imperatriz Leopoldinense com o enredo “Alô, mamãe”. Em 1982, Rosa e Lícia assumiram o carnaval da Estácio de Sá, com o enredo “Tititi do Sapoti”.

Somente em 1988 Rosa Magalhães assinou seu primeiro carnaval sozinha. Seu protagonismo solo se consagrou na Estácio de Sá com o enredo “Boi dá Bode”. Depois de cinco anos trabalhando nessa escola e na Acadêmicos do Salgueiro, Rosa retoma a Imperatriz Leopoldinense se consagrando definitivamente, ganhando para a escola cinco campeonatos, sendo reconhecida como uma das mais importantes artistas brasileiras contemporâneas (Nogueira, Tranjan, 2008, p. 16)².

A carnavalesca realizou feitos memoráveis dentro da Imperatriz Leopoldinense, auxiliou a escola a organizar um departamento cultural no seu interior, onde grande parte dos enredos é baseada na história do Brasil. Por isso Rosa Magalhães é considerada uma das carnavalescas que mais enfatiza a vertente epistemológica da brasilidade nos sambas enredos. A carnavalesca tal como Márcia Lage, é ainda uma das únicas mulheres carnavalesca do grupo especial do carnaval carioca (Nogueira, Tranjan, 2008, p. 16).

3. O giro epistemológico do carnaval

O fenômeno carnavalesco em determinados contextos e períodos históricos firma um compromisso educacional, étnico, político e epistêmico com uma rede de historicidades, memórias e povos do passado e do presente. Nesse sentido, os desfiles das escolas de samba apresentados no Sambódromo da Marquês de Sapucaí, pode ser compreendido em suas variantes formas e sentidos. Uma leitura se torna

² Em 2007 realizou um dos trabalhos mais impactantes de sua carreira, foi responsável pela festa de abertura e encerramento dos jogos esportivos do Pan-americano ocorrido no Estádio do Maracanã no Rio de Janeiro. Tal trabalho a indicou e a premiou com o maior prêmio da televisão mundial: o Emmy. A repercussão do trabalho na festa do Pan Americano reverberou tanto sucesso que além do Emmy, conquistou outros prêmios internacionais, como o SportBusiness ISEMS Awards e Seis Telly Awards. Em resposta a seus anos de carreira, e sua notoriedade nos grandes eventos que Rosa Magalhães protagonizou, a carnavalesca foi consagrada com importantes premiações. Em 12 de junho de 2011 recebeu a “Medalha Tiradentes”, oferecida pela Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro. Recebeu as seguintes diferentes premiações tais como, “Prêmio Molière”, “Prêmio Ministério da Cultura”, “Prêmio Coca-Cola”, “Prêmio APETESP”, “Prêmio APCA”. Foi agraciada pelo Prêmio Ministério da Cultura duas vezes. Ainda recebeu cinco estandartes de ouro do Jornal o Globo.

sua propriedade cultural e intelectual, de ensinar, encantar, enfeitiçar, criticar e denunciar, narrativas conhecidas pela sociedade e outras que foram apagadas e silenciadas pelo tempo e pela história hegemônica tradicional. A partir do seu caráter dialógico, transdisciplinar e mutável, o lugar festivo ocupado pelos desfiles das escolas de samba se apresenta como mediador de vozes que exaltam suas existências e resistências. Nesse sentido, essa festividade existe a partir da disputa de um espaço simbólico, permeado pelas inter-relações complexas exercidas pelos diversos atores (Ferreira, 2003, p. 24).

A letra dos enredos e dos sambas-enredos que são o fio condutor que direciona a apresentação visual e sonora dos desfiles representados na avenida, em alguns casos conta uma história, contendo dessa forma um recorte temporal, um lugar, um povo. A partir disso podemos pensar que o Brasil oferece um leque de narrativas e referências amplas, plurais e diversificadas para contar as histórias de diferentes povos no passado e no presente, a fim de serem representadas nos desfiles das escolas de samba.

Nesse sentido, o desfile escolhido a ser trabalhado como uma fonte de história importante para o campo do conhecimento é o da Imperatriz Leopoldinense do ano de 1994 intitulado: “Catarina de Médicis na Corte dos Tupinambôs e Tabajeres” que levou o título de campeã nesse ano com o desfile. O desfile foi assinado por uma das principais carnavalescas do Rio de Janeiro e do Brasil, a majestosa e renomada Rosa Magalhães, e o samba-enredo foi escrito pelos compositores Alexandre D'Mendes, Alvinho, Aranha e Márcio André.

Esse desfile foi escolhido para ser pensado nesse ensaio, porque conta uma narrativa diferente e pouco conhecida até mesmo pelos historiadores e pesquisadores no geral. Pelo título já temos uma noção que o enredo fala sobre os povos originários³, os povos indígenas do Brasil. Nada de diferente até então, uma vez que essa temática é muito encontrada nos desfiles das escolas de samba, sendo

³ A discussão sobre os conceitos de povos originários, indígenas, índios e ameríndios é ampla e envolve muitas divergências. Optamos pelo uso de povos originários, usada por Krenak, entre outros pensadores de diferentes povos. Críticas ao conceito de povos originários podem ser encontradas em Jorge Fernández Chiti (2010) e Silvia Rivera Cusicanqui (2010).

uma das principais narrativas recorrida pelos carnavalescos e agremiações, ao lado da questão da afrodescendência.

O que torna este desfile da Imperatriz Leopoldinense de 1994 sobre uma temática indígena diferente e tão importante para o campo do conhecimento, se traduz pela narrativa apresentada não se atentar a vertente histórica de colonização. Onde, nessa perspectiva os povos originários são representados sob a luz da presença dos europeus, onde a escravização e a invasão de terras eram legitimadas pelo discurso colonial de que os indígenas eram povos sem lei, sem fé e sem rei (Schwarcz, 2013, p. 6).

A carnavalesca Rosa Magalhães em suas pesquisas se debruçou sobre uma fonte conhecida pelo campo historiográfico tradicional, porém desconhecido do conhecimento popular. A narrativa reproduzida no desfile se passa no interior da França no ano de 1550, em uma festividade anual para celebrar a figura dos monarcas, o rei Henrique II e a rainha Catarina de Médicis. Neste ano a cerimônia contou com a presença dos povos Tabajaras e Tupinambás para ocuparem um espaço de protagonismo em um evento jamais visto em solo ocidental.

4. Festividades no antigo ocidente

Para compreender o evento de 1550 referenciado no desfile, é necessário compreender o contexto europeu do período em promover esse tipo de festividade. Durante os primeiros anos que sucederam o século XVI o contexto social e cultural ocidental passava por alterações em seu interior, que acabou influenciando as bases do que viria a se tornar o carnaval. Ancorada na lógica de um mundo às avessas (Bakhtin, 1987, p. 56), no sentido de uma desobediência aos padrões tradicionais, à inversão de valores, a ridicularização, até mesmo a reconfiguração dos espaços de poder, eram características das festividades desse período.

O lugar que inaugura esse tipo de celebração é a cidade de Veneza, onde durante alguns dias subverteram a ordem, os valores, os costumes, a moral e os pudores. Nesse tipo de festividade, a nobreza se disfarçava com o uso de máscaras a

fim de se camuflarem com o restante da população, a partir disso, as máscaras se tornaram a principal marca dos bailes de carnaval. Com o anonimato que as fantasias promoviam, ocorria um nivelamento das classes sociais e uma inversão de valores e sentidos, fazendo com que as pessoas pudessem extravasar seus desejos e frustrações.

A festividade que ocorreu no porto de Ruão em 1550 teve uma estrutura diferente daquela que costumava ser o roteiro desses eventos. A festa que era um evento onde os moradores do porto de Ruão faziam uma celebração para comemorarem a presença dos seus monarcas, o rei Henrique II e a rainha Catarina de Médicis. Uma vez que essas apresentações priorizavam o luxo, com carros de flores, representações de nobres das cortes, palhaços e coisas características das festas da época, nesse ano eles apostaram em uma pegada cultural diferente e nunca vista até então.

O evento contou com a presença dos povos indígenas do Brasil para serem os verdadeiros protagonistas da celebração. No intuito de representarem sua vivência e seus modos de sociabilidade, reunindo referências de sua fauna e flora, com aspectos da floresta tropical brasileira, exibiram os animais típicos presentes em sua terra, assim como sua forma de viver caçando, pescando, celebrando e seus ancestrais.

Essa festividade teve desdobramentos cruciais tanto para a história da França quanto para a do Brasil, por mais que seus acontecimentos sejam até então desconhecidos pelos pesquisadores da época e de determinados historiadores contemporâneos. Graças a essa presença dos povos originários na França, sendo apresentados de uma forma alternada na qual os europeus costumam enxergar esses povos, como completamente subjugados e sem cultura. Os povos indígenas acabaram influenciando a literatura francesa do século XVI, um dos maiores pensadores daquela época Michel Eyquem de Montaigne publicou a obra “O mito do bom selvagem”, que acabou tendo desdobramentos influenciando até mesmo o lema da revolução francesa “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”. Todo esse

desdobramento desse fato histórico foi pensado e reincorporado na proposta que a carnavalesca Rosa Magalhães reproduziu no desfile das escolas de samba.

5. Considerações finais

Com isso conseguimos observar ao longo do artigo como se torna ampla diversificada e plural, o caminho que percorre o universo do carnaval e dos enredos das escolas de samba. O conhecimento por trás de todo esse movimento, como no caso do desfile da Imperatriz Leopoldinense no ano de 1994, que sai como campeã do carnaval carioca deste ano opta em contar uma narrativa histórica com intuito de ensinar e diversificar as narrativas contadas na avenida.

Dessa forma, vimos brevemente a jornada da carnavalesca Rosa Magalhães que nesse ensaio foi tão crucial para conhecermos uma narrativa desconhecida pelo campo historiográfico mais recente, assim como da sociedade no geral. Ressalvo novamente a importância que uma carnavalesca tem tanto no universo das escolas de samba, quanto para a produção do conhecimento e do ensino de história, na medida em que este profissional faz o árduo trabalho de pesquisar, investigar e coletar fontes resultando em um trabalho artístico cultural educativo.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1987.

CARVALHO, Fabiana Vanni de Brito, et al. **Uma visão interdisciplinar da escola de samba, espaços democráticos de desenvolvimento social e de pertencimento comunitário**. Memória, Identidade e Patrimônio Cultural: uma contribuição dos estudos regionais 1.1, p. 153-178, 2021.

DENIS, Ferdinand. **Uma festa brasileira celebrada em Ruão em 1550, seguido de um fragmento do século XVI que trata da teogonia dos antigos povos do Brasil e das poesias em língua tupi de Cristovão Valente por Ferdinand Denis**. Brasília: Senado Federal, s.d.

DINIZ, André. **Almanaque do carnaval**. Editora Jorge Zahar. Rio de Janeiro, 2008.

FERREIRA, Felipe. Índios de cordão: identidade brasileira e carnaval. Anpap. **18o Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas**, v. 21, 2009.

FERREIRA, Luiz Felipe. O lugar festivo – a festa como essência espaço-temporal do lugar. **Espaço e cultura**, n. 15, 2003.

LIEBEL, Silvia. **O mundo às avessas na Europa dos séculos VXI e XVII: humor, sandice e crítica social**. Dissertação (mestrado)-Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em História. Curitiba, 2006.

NOGUEIRA, Aurélio Antônio Mendes; TRANJAN, Cristina Grafanassi; Rosa Magalhães no Carnaval Carioca e na Escola de Belas Artes: a obra e a arte de uma carnavalesca. **Interfaces**, v. 11, n. 1, p. 11-23, 2008.

SIGNIFICADOS: **descubra e entenda diversos temas do conhecimento humano**. Significado de Pajé. 2011. Disponível em: <https://www.significados.com.br/paje/#:~:text=Paj%C3%A9%20%20uma%20palavra%20de,dentro%20das%20tribos%20ind%C3%ADgenas%20brasileiras>. Acesso em: 26-01-2023.

PORTAL AMAZONIA. **Fantasia indígenas no carnaval: pode ou não pode?** Especialistas opinam. Disponível em: <https://portalamazonia.com/amazonia/fantasia-indigenas-no-carnaval-pode-ou-nao-pode-especialistas-opinam>. Acesso em 01-02-2023.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira**. Editora Companhia das Letras, 2013.